

**Manzatto, Antonio**

*Teremos ainda algum país? Reflexões sobre o  
bicentenário a partir de Não verás país nenhum  
de Ignácio de Loyola Brandão*

IV Jornadas Diálogos: Literatura, Estética Y Teología, 2010  
Facultad de Filosofía y Letras - UCA

Este documento está disponible en la Biblioteca Digital de la Universidad Católica Argentina, repositorio institucional desarrollado por la Biblioteca Central "San Benito Abad". Su objetivo es difundir y preservar la producción intelectual de la Institución.

La Biblioteca posee la autorización del autor para su divulgación en línea.

Cómo citar el documento:

Manzatto, Antonio. "Teremos ainda algum país? Reflexões sobre o bicentenário a partir de Não verás país nenhum de Ignácio de Loyola Brandão" [en línea]. Jornadas Diálogos : Literatura, Estética y Teología : Miradas desde el bicentenario : Imaginarios, figuras y poéticas, IV, 12-14 octubre 2010. Universidad Católica Argentina. Facultad de Filosofía y Letras, Buenos Aires.. Disponible en:  
<http://bibliotecadigital.uca.edu.ar/repositorio/ponencias/teremos-ainda-algum-pais.pdf> [Fecha de consulta: ....]

## **TEREMOS AINDA ALGUM PAÍS? REFLEXÕES SOBRE O BICENTENÁRIO A PARTIR DE NÃO VERÁS PAÍS NENHUM DE IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO.**

ANTONIO MANZATTO  
(PONTIFÍCIA FACULDADE DE TEOLOGIA – SÃO PAULO – ALALITE)

Celebrar duzentos anos de país, além de olhar para os caminhos percorridos, é também ocasião para a reflexão sobre seu futuro, a projeção de novas trilhas, a afirmação de ideais. Olhar o passado faz entender o presente, mas, para não ser paralisante, deve projetar luz para que se desenhe e se construa o que virá. A projeção de ideais sempre foi terreno fecundo para a literatura; pensar o futuro, o que não está aí e que ainda não é, parece ser a especialidade do poeta, “que sonha o que vai ser real”<sup>1</sup>. A profecia não está distante, pois já a antiguidade afirmava o sonho como o anúncio do futuro. A teologia, em especial a cristã, afirma a presença de Deus na história humana, em eventos históricos. Para o cristianismo, a criação é um evento, assim como a encarnação e a redenção; a realidade humana e histórica é portadora de Deus, que penetra tal cenário, plenamente, na pessoa de Jesus de Nazaré. Em termos teológicos, portanto, celebrar duzentos anos é enxergar os caminhos pelos quais Deus vivenciou sua aliança conosco e nos possibilitou sermos o que somos. Mas é também tempo do olhar escatológico, ou seja, da percepção de que não somos ainda o que queremos ser, ou o que podemos chegar a ser, e que ainda há caminho a percorrer. O pensar escatológico ensina que o final ainda não chegou, que o presente não é definitivo e que ainda há espaço, e tempo, para a esperança. No final tudo termina bem, ensina o poeta; e se tudo ainda não está bem, é porque o final não chegou, afirma sua esperança. Há tempo para projetar ideais e utopias, para se desenhar outro tempo, outro mundo, outro país, para que tudo seja diferente, com “novos céus e novas terras”<sup>2</sup>. Claro que, para que tudo não seja apenas ilusão, é preciso também enxergar os problemas do presente, saber onde é preciso ter atenção, corrigir problemas, transformar atitudes e comportamentos. Teologicamente, diríamos que é preciso que a conversão seja concreta e histórica para produzir frutos de humanidade. Politicamente, talvez disséssemos que será preciso encontrar mecanismos de convivência humana no respeito aos espaços democráticos. Em literatura, talvez se possa dizer, simplesmente, que a chuva vem por aí...

### **Literatura**

Ignácio de Loyola Brandão é um escritor brasileiro contemporâneo. Paulista de Araraquara, nascido de família interiorana em 1936, desde cedo manifestou preferência pelas artes, seja o cinema, seja a literatura. Trabalhou como repórter, jornalista e roteirista, projetando-se

<sup>1</sup> Da canção *Coração civil*, de Fernando Brandt e Milton Nascimento.

<sup>2</sup> Ap 21,1.

no universo literário com seus contos, novelas e romances. Traduzido para diversos países e com inúmeros prêmios recebidos, inclusive internacionais, é nome respeitado no universo literário nacional. Seu romance *Não verás país nenhum* foi publicado em 1981, encontrando-se atualmente na 27ª. edição,<sup>3</sup> e é um de seus títulos mais premiados.

O cenário traçado é provocante e assustador. Em uma São Paulo do futuro já não há natureza; assistiu-se ao corte da última árvore do país e a água é artigo de museu. A comida é quimicamente produzida, assim como os aromas e sabores: tudo é sintético. O ar é irrespirável e a temperatura extremamente alta, a ponto de pessoas morrerem queimadas apenas pela exposição direta ao sol. As condições ambientais, fruto dos desmandos da exploração inconsequente da natureza, tornam a vida uma batalha diária, agravada pela forma de organização política da cidade. Ela é dividida em bairros fechados, onde se entra apenas com uma autorização que determina a cada pessoa os lugares por onde pode circular e o tipo de transporte que pode utilizar. Não há carros, abandonados depois do último grande engarrafamento, apenas o transporte público acessível segundo o tipo de autorização do cidadão. Também para a alimentação são necessárias senhas, e as quantidades são controladas. O controle da sociedade é realizado por uma classe política extremamente aproveitadora, “os que se locupletaram”, secundados por uma superpolícia, os “civiltares”. Em meio a esse caos as pessoas tentam sobreviver, mas com as relações pessoais e sociais tremendamente comprometidas.

Souza, personagem principal, é o guia que apresenta ao leitor a forma de vida em tal sociedade. O cotidiano se faz com a ida ao trabalho, a luta contra o calor cada vez mais insuportável, e o tempo em casa, onde cada um se preocupa apenas com suas coisas. Não há no mundo nada que seja natural, nem o vento; as pessoas acostumam-se ao modo de vida estabelecido e não reagem, parecendo entorpecidas pelo controle que lhes é imposto, e submetem-se. Grupos organizam-se não para transformar, mas para encontrar maneiras de tirar algum proveito da situação; pessoas desaparecem e a repressão alcança aqueles que ousarem desafiar a ordem estabelecida. Por esse mundo vagueia Souza, cuja mulher desaparece sem que ele a procure, que perde o seu emprego e que tem seu apartamento ocupado por outros moradores. Ele, então, sai andando pela cidade, encontrando outros bairros onde não pode entrar, até ser preso pela polícia. A grande obra em execução pelo poder político é a construção da “grande marquise”, mais um projeto megalômano que promete abrigar a população dos raios solares, e por isso deverá ter o tamanho da cidade. Preso, sem reação, com a consciência entorpecida, conformado e tentando apenas sobreviver, como Souza são todos os habitantes da cidade. Mas talvez as coisas mudem, porque há um cheiro de chuva no ar! E ainda que ela esteja distante e demore muito a chegar, a chuva trará de volta a natureza e, então, a possibilidade de outro mundo, onde as pessoas poderão viver de outra forma.

Tal cenário caótico e um tanto apocalíptico é apresentado pelo autor como questionamento à forma de o país se organizar, tanto em sua relação com o meio-ambiente quanto na forma de estabelecer o modo de convivência entre as pessoas. No início dos anos oitenta, a América Latina, e o Brasil em especial, ainda viviam sob o domínio das ditaduras militares estabelecidas desde os anos sessenta. A ânsia de liberdade dos cidadãos estava represada pela dominação estabelecida pelos militares e com o auxílio da classe política. Seja pela propaganda, seja pelo uso dos meios de comunicação, seja pela força ou pela indústria do entretenimento, a classe dominante parecia entorpecer a consciência da população de maneira a impor um regime de exceção que durava já mais de vinte anos. Como escapar dessa organização que cerceava a liberdade de expressão, de reunião e perseguia até mesmo a religião que ousava falar de liberdade? *Não verás país nenhum* parece anunciar que, sem a reconquista das liberdades democráticas, não haverá possibilidades de continuação da sociedade, pois ela será destruída, a partir de dentro, pelas contradições que ela mesma originou. Por outro lado, o tecnocratismo que a sociedade brasileira conhecia conduziu o país a um nível jamais visto de

<sup>3</sup> IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO, *Não verás país nenhum*, São Paulo, Global Editora, 2008.

descaso com as questões relacionadas à natureza. A poluição do ar e da água, sobretudo nas grandes cidades, o desmatamento, o uso indiscriminado dos recursos naturais e os projetos megalômanos dos governantes que não hesitavam em destruir a natureza para realizar suas grandes construções, geraram uma situação onde a interferência humana colocava em risco o próprio meio-ambiente.

De maneira muito sagaz o autor coloca em relação dois elementos profundamente questionadores para a sociedade, em especial a brasileira, tanto a daquele tempo quanto a de hoje: a questão política e a do meio-ambiente. No início dos anos oitenta, quando começaram a tomar força os movimentos ambientalistas e ecológicos, pareciam ser um desvio pequeno-burguês do confronto social que realmente importava, o político. Afinal, nossa sociedade conhecia uma dominação econômica e uma repressão política quase sem precedentes, e este era o conflito mais real e dolorido, concretizado na luta política e econômica. Os movimentos políticos e sociais que exigiam liberdades democráticas atuavam em conjunto com outros, que exigiam melhores salários e condições de vida. Diante de tal quadro, falar de meio-ambiente parecia, sim, um desvio, e por isso os movimentos ambientalistas só ganharam força mais tarde, quando um olhar mais acurado sobre a sociedade permitiu perceber que os movimentos que lutavam por liberdades democráticas, e aqueles que se propunham a defender o meio-ambiente, combatiam o mesmo sistema explorador e repressor. A proposta de uma sociedade diferente, organizada de forma participativa, deveria acontecer em união com uma forma de vida que respeitasse a natureza em todos os níveis. No romance, tais questões vieram antes do tempo, e suscitaram debate e reflexão, ajudando a construir a identidade do país, como sempre aconteceu com as grandes obras da literatura nacional.

## Teologia

Desenvolver uma reflexão teológica a partir deste prisma nos colocará diante dos caminhos que a teologia percorreu nos últimos tempos. A questão do meio-ambiente, que do ponto de vista social transformou-se nas questões relacionadas à sustentabilidade, isto é, à problemática do desenvolvimento sustentável, do ponto de vista teológico encontra-se com a teologia da criação. Pensar a natureza, a vida e o ser humano a partir daí exigirá situar-nos em teologia da criação, um dos capítulos bastante antigos da reflexão teológica<sup>4</sup>. Aliás, neste aspecto, um falso debate entre teologia e ciência tem sido propalado pela grande imprensa. Diz-se que o desenvolvimento da teologia da criação impede o avanço das ciências e se coloca como símbolo do atraso que é estimulado pela religião; daí, então, a negação de todo o comportamento religioso, incluindo o cristianismo, e a afirmação da ciência e do conhecimento que dela deriva como o único caminho a ser trilhado pelo humano. Claro está que, de um lado, tal posição não passa de “pregação tecnocrática” que erige, exatamente, a técnica como referencial de valor até mesmo religioso; de outro lado, confunde-se, talvez voluntariamente, os papéis da ciência e da teologia. Fazer teologia da criação não é descrever a origem do universo, pois a descrição dos fenômenos é campo específico do conhecimento científico; mas é preciso perceber, também, que fazer ciência não é dizer do valor ou do sentido das coisas e da vida, pois esta é tarefa da teologia, da religião e da filosofia.

A ciência, o conhecimento e a técnica estão a serviço do humano, de seu ser e de sua vida, ou não terão sentido algum. Desenvolve-se o conhecimento para que a vida humana possa

<sup>4</sup> A recente produção teológica sobre a teologia da criação em muito tem contribuído para que se desenvolva um novo olhar para as questões de meio ambiente. Veja-se, por exemplo, FRANÇOIS EUVÉ, *Pensar a criação como um jogo*, São Paulo, Paulinas, 2006; IVO MÜLLER (org.), *Perspectivas para uma nova teologia da criação*, Petrópolis, Vozes, 2003; JOSÉ ROQUE JUNGES, *Ecologia e criação*, São Paulo, Loyola, 2001; LUIS CARLOS SUSIN, *A criação de Deus*, São Paulo, Paulinas, 2003.

ser mais bem vivida e compreendida; não se produzem coisas porque há tecnologia para tal, mas se busca a tecnologia para que se produza o que facilita e ajuda a vida humana. Além de imperativos de ordem ética, a mentalidade técnica parece dizer que ao humano basta discutir “como” se fazem as coisas, sem que haja uma discussão mais conseqüente sobre “o quê e por quê” se produz. A tecnocracia, vista por este ângulo, pode conduzir a sociedade ao apocalipse apresentado por Brandão. A teologia da criação, que busca o conhecimento de Deus, reconhece-o como criador de todas as coisas, pois tudo o que existe procede de seu amor. Assim o mundo, a natureza, o ser humano, o universo e a vida não existem simplesmente por acaso, mas como obra querida e realizada pelo amor de Deus. Derivadas do amor, todas as coisas criadas têm valor de amor, e não de acaso. As referências bíblicas ao evento criador não querem descrever os acontecimentos do início do mundo, mas afirmar a fé da comunidade crente que enxerga no amor a origem de tudo.

Se as coisas originam-se do amor, devem ser cuidadas, e aqui está a contribuição que a teologia presta ao atual pensamento sobre sustentabilidade. Não se pode abusar da natureza sob o risco de comprometer o desenvolvimento da vida humana. O aquecimento global, os fenômenos naturais que acarretam tragédias e que parecem multiplicar-se nos últimos tempos, inclusive em nossos países latino-americanos, apontam para a necessidade de a humanidade rever seu comportamento com relação à natureza. Os projetos megalômanos e tecnocráticos continuam ameaçando o lugar onde vivemos; a floresta, reduzida a cada dia para ceder espaço a interesses econômicos, corre também grandes riscos com a necessidade de geração de energia. A água, cada vez mais escassa no planeta, torna-se motivo para disputas e contendas entre nações. Pensar o desenvolvimento sustentável é pensá-lo humanamente, já que o sentido do humano e da vida encontra-se não no possuir, mas no amor. Por isso a teologia cristã terá preocupação especial, mesmo na reflexão que engloba sustentabilidade, com os esquecidos e excluídos da sociedade, com os molambentos, para utilizar a expressão de *Non verás país nenhum* que povoam as periferias de nossas grandes cidades, com os novos crucificados da história, para utilizar a expressão de Ellacuría e Jon Sobrino.

Foi exatamente a preocupação com os pobres, marginalizados e sofredores de nossas sociedades que produziu a reflexão teológica mais característica e própria de nosso continente nos últimos tempos<sup>5</sup>. Ela teve um papel determinante na reconquista das liberdades democráticas em nossos países, superando dominações e repressões que todos conhecemos muito bem. A recente teologia latino-americana combateu todo tipo de dominação presente na sociedade, reunindo o povo e com eles refletindo sobre o valor da liberdade e sua importância para a construção do país que todos desejamos. A reflexão cristã sobre a liberdade, nascida do próprio Espírito de Deus, fonte da liberdade porque fonte da vida, tem muito a contribuir para a reflexão social sobre democracia e participação. Afirma a liberdade não como valor em si, simples e absoluto, mas como o lugar onde se desenvolve o existir humano na construção das relações de amor. O amor, aliás, só pode existir na liberdade. Este o Ser de Deus, e também o ser do humano, uma vez que este foi criado à imagem e semelhança daquele. Por isso as comunidades cristãs latino-americanas, fiéis à sua tradição, envolvem-se em atividades que visam a libertação das pessoas de todas as amarras e dominações que impedem sua liberdade e sua realização plena como seres de dignidade.

Se o desenvolvimento da teologia da criação foi continuamente estimulado pelas instituições eclesiais ao longo da história, nem sempre o mesmo aconteceu com as posições relacionadas às liberdades democráticas, pois ligadas a posições políticas. Muitas forças e setores conservadores sempre buscaram envolver-se no controle de comportamentos religiosos e

<sup>5</sup> Um panorama de tal teologia pode ser encontrado, por exemplo, em SATURNINO RODRIGUEZ, *Pasado y futuro de la teología de la liberación*, Estella, Verbo Divino, 1992; ANTONIO APARECIDO DA SILVA E SÔNIA QUERINO DOS SANTOS (orgs.), *Teología afroamericana II: avances, desafíos, perspectivas*, São Paulo, Atabaque, 2004; NEY DE SOUZA (org.), *Temas de teología latino-americana*, São Paulo, Paulinas, 2007.

mesmo teológicos. Curioso notar como estes setores mais conservadores unem-se às mesmas posições de outros mais “progressistas” da sociedade, aqueles que não reconhecem a legitimidade da reflexão teológica e religiosa, por exemplo no que se refere ao mundo criado, para defenderem a mesma posição, a de retirar do cenário social os argumentos de natureza religiosa e teológica, como se estes não contribuíssem para a vida em sociedade e fossem destinados apenas à vida que se estabelece no domínio do privado. A edificação de uma cultura se faz não apenas a partir de técnicas, mas de valores; portanto, a destruição de valores implica em destruição cultural. Os cristãos do continente latino-americano preocupam-se atualmente, e muito, com o desaparecimento de valores de humanidade em nossas sociedades<sup>6</sup>, substituídos por referenciais utilitários ou técnicos, e querem engajar-se na defesa desses seus valores tradicionais, na defesa do meio-ambiente e da vida de todas as pessoas.

Pensar duzentos anos de país é refletir sobre as origens e os caminhos que o conduziram até o tempo atual. É reconhecer avanços e enganos, é entender o presente em função do amanhã. É também tempo de projetar outros tempos, outra história mais semelhante ao que queremos ser, ao que somos vocacionados a ser pelo Amor de Deus. Teremos ainda algum país, um ou muitos, até mesmo o país dos sonhos, se de forma democrática e participativa o construirmos no respeito à vida, ao meio-ambiente e aos outros. A América Latina continuará sendo o continente da esperança se seus povos viverem a esperança de novos tempos e se engajarem em sua construção.

<sup>6</sup> Cf., por exemplo, CELAM, *Documento de Santo Domingo*, São Paulo, Paulinas, 1992; e, principalmente, CELAM, *Documento de Aparecida*, Brasília, Edições CNBB, 2007.